

CAMINHANDO MIGRANTES COM OS MIGRANTES

Desde 1980, quando o CIBAI-Migrações (centro Ítalo-Brasileiro Assistência e Integração), situado na Paróquia N. S. da Pompéia, dos Missionários Scalabrinianos, acolhia sempre mais migrantes e refugiados latino-americanos, ampliando assim o serviço desenvolvido até então entre os imigrantes italianos e migrantes internos, também iniciei ali uma presença missionária, um serviço sócio-jurídico-pastoral entre esses novos imigrantes.

Vivenciei muitas iniciativas, como a formação de um grupo de jovens latino-americanos, formado por imigrantes provenientes de diferentes países, entre eles muitos irregulares. O grupo teve início em 1981, em Porto Alegre, com o objetivo de organizar um show latino-americano, a fim de recolher fundos em favor dos imigrantes mais necessitados. O nome desse grupo era “América sem fronteiras”: um nome que expressava o seu programa de vida e fazia lembrar o sonho latino-americano de um único povo formado pelas diferentes etnias, todas profundamente pertencentes a esta terra nascida sem fronteiras.



Não nos faltavam ocasiões de êxodo, pois apresentavam-se continuamente recém chegados, enquanto muitos outros se recolocavam em viagem. Ainda assim, foi possível caminhar juntos rumo a um objetivo comum: a solidariedade com quem sofre, sobretudo com os imigrantes irregulares, aquela solidariedade autêntica que exige uma constante reflexão e um contínuo êxodo do coração.

Nem sempre era fácil superar o conceito de identidade nacional, que geralmente se baseia mais em barreiras políticas do que na riqueza das diversidades culturais. Muitas vezes, corre-se o risco de fazer coincidir a identidade cultural com o próprio egoísmo, enquanto cada dom, também o de nascer em outra terra, foi-nos dado a fim de abrir-se ao outro: somente assim, de fato, o dom pode-se desenvolver como dom. Procurava ser uma presença *ponte*, comunicando o positivo de cada um e fazendo ressaltar a beleza das diversidades, ciente de que o acordo entre diferentes se alcança na

escuta, na acolhida de cada pessoa, sem exclusões, e na disponibilidade a enfrentar juntos os conflitos.

Por meio desses passos de diálogo, podíamos nos preparar a acolher algo maior, o projeto de Deus para o mundo, um projeto que conta justamente com as nossas relações cotidianas. Em muitas ocasiões, experimentei que a maneira melhor para viver o serviço aos migrantes era viver o serviço do projeto de Deus para eles.

O fato de eu mesma ser estrangeira, proveniente de outro continente, que, no início, eu sentia como uma dificuldade, revelou-se uma oportunidade concreta no encontro com muitos imigrantes e, de modo especial, com os refugiados, que conseguiam superar o temor de encontrar um espião – temor difundido então, a motivo do inseguro contexto latino-americano – e sentiam, como eles diziam, o sabor da proximidade, de sua mesma experiência de migrantes, de estrangeiros. Uma acolhida recíproca, então, na qual se podia fazer próximo o “estrangeiro” por excelência: “Eu era estrangeiro e vocês me acolheram” (Mt 25,35), Jesus Cristo, aquele que se pode revelar no encontro verdadeiro entre diferentes.

A migração nos provoca “alargando o conceito de pátria além dos confins materiais, fazendo pátria do homem o mundo”¹: essas palavras do Bem-aventurado João Batista Scalabrini se tornaram vida em mim, presenteando-me a alegria de me sentir brasileira com os brasileiros, chilena com os chilenos, boliviana com os bolivianos, angolana com os angolanos; isto é, a alegria de me reencontrar dentro de cada povo ou grupo étnico, em cada pessoa, reconhecendo o outro como parte de mim, na certeza da presença do Cristo crucificado e ressuscitado que nos atrai a si e nos reúne na única família humana, na qual nenhum povo ou pessoa pode faltar.

As muitas dificuldades encontradas, sobretudo por causa das restrições da lei, ajudaram-nos a aprofundar as relações, a dar um passo além, a sondar as profundezas do coração humano, a não considerar nada como óbvio, a nos colocar em movimento no coração e a descobrir que a vida é um contínuo procurar, um contínuo êxodo. Cada vez



que nos perguntamos o “por quê” de uma injustiça, de uma lei discriminante, de uma rejeição, na realidade, não fazemos outra coisa do que exprimir nossa sede de relações verdadeiras, a nossa busca da verdade em cada coisa: é justamente nesse momento que nos descobrimos a procurar a Deus na vida concreta de cada dia, aquele Deus que está presente em cada passo de nosso cotidiano, para se revelar como o Amigo que caminha conosco. “*Va Dios mismo en nuestro mismo caminar*”, diziam muitas vezes os imigrantes.

Em diversas ocasiões, pude descobrir que existem ambientes e situações nos quais, como Igreja, somos chamados a entrar como filhos de Deus que encontram outros filhos de Deus, sem necessariamente falar nele, especialmente quando está em jogo a liberdade do outro, mas procurando permanecer nele e trazendo no coração a certeza de Seu Amor concreto para cada pessoa, seja qual for sua proveniência ou religião e em qualquer maneira se apresente. Essa certeza nos coloca em um serviço humilde, pequeno, sem pretensões e desperta no outro a exigência da reciprocidade.

O fato de nos apresentarmos como Igreja infundia segurança e coragem nos imigrantes, havendo muitos deles já experimentado na pátria como a Igreja pagava na própria pele a defesa dos pequenos, dos perseguidos, dos excluídos. E a Igreja remetia a Deus: para alguns, justamente a experiência de serem acolhidos de maneira desinteressada, tornou-se o espaço para um encontro pessoal, inesperado, com aquele Pai que sempre espera de braços abertos seus filhos, ou permitiu descobrir a presença de Deus justamente naquelas situações que muitas vezes parecem uma prova de sua ausência. O migrante, de fato, deseja encontrar uma Igreja viva, uma comunidade unida e fraterna que testemunhe o Evangelho, um Deus próximo que nos acompanha, nos ama, nos salva e nos conduz.

Um jovem chileno chegou transtornado no escritório de Porto Alegre, onde eu recebia os imigrantes latino-americanos. Após uma xícara de café com leite, percebi que além de esconder um drama, estava também faminto. Esse jovem comunicou-me, de um fôlego, o peso que carregava dentro de si: numa improvisa incursão na sua casa – incursões desse tipo aconteciam com frequência no Chile durante a ditadura – três policiais armados de metralhadora o tinham imobilizado para levá-lo embora com a acusação de atividade subversiva. Após terem violentado a esposa sob seus próprios olhos, apontaram as armas em direção do seu menino de dois anos, que chorava gritando. Recolhendo todas suas forças, conseguiu liberar-se de quem o segurava e jogou-se com veemência encima de um deles e, roubando-lhe a arma, começou a atirar. Conseguiu fugir. “O que eu podia fazer? Diga-me, o que podia fazer?” Repetia soluçando e escondendo o rosto entre os braços apoiados na mesa.

Em silêncio, eu supliquei a Deus de alcançar esse jovem com Seu amor e, em seguida, encontrei-me a lhe dizer: “Deus ama a ti... assim como ama também a eles...”. Depois de alguns instantes levantou a cabeça e sussurrou: “Eu sei, somente na Igreja posso sentir-me acolhido... com o perdão”.

Em qualquer lugar nos encontrarmos

Em êxodo com os imigrantes, encontro-me hoje a percorrer o caminho, com passos pequenos e humildes, na alegria por essa vocação missionária, secular e

scalabriniana, que o Espírito Santo tem suscitado na Igreja para se tornar presente, também por meio de nossa pequenez, no caminho deles. Ela nos envia a descobrir as sementes do Reino de Deus já presentes em cada pessoa, em cada ambiente e situação, na certeza de que a salvação não vem de nós, mas de Seu Amor crucificado e ressuscitado, chave que abre cada porta dentro e fora de nós.

Em uma sociedade homologante, saturada de individualismo e de consumismo, onde se exercem poderes, mas raramente se assumem responsabilidades, nossa consagração secular nos chama a testemunhar, em todo e qualquer lugar, aquele olhar de amor que gratuitamente recebemos na contemplação. Um olhar que nos faz perceber, com fé e maravilha, o mistério de Sua presença em cada pessoa, em cada realidade, na certeza de que a verdadeira acolhida do outro se exprime no tentar enxergar a sede mais profunda, que muitas vezes se esconde atrás de um pedido de serviço, atrás de uma questão, ou também atrás de uma pretensão. A necessidade mais profunda de cada pessoa é justamente a de se encontrar com Deus que é Amor, e de se encontrar consigo mesma e com os outros, a fim de juntos construirmos – ali onde estamos fazendo nossa pequena parte – uma convivência fraterna e solidária fundada nos critérios do Evangelho.

Enquanto caminho com os imigrantes, experimento que somente a relação viva e cotidiana com Deus, com o Filho crucificado-ressuscitado pode me ensinar a amar, a acolher, a dar a vida pelo outro como Ele a deu por mim.

A cada dia, faço a experiência que o êxodo autêntico é sempre um passo de acolhida em direção ao outro, em direção daquela estima que suscita a participação, a comunicação do melhor de si e torna possível a abertura humilde que conduz ao diálogo, à comunhão.

Frente a situações de dor e sofrimento, dificuldades e injustiças, exploração, nas quais nunca faltam momentos de esperança e de espera, a partilha se torna vida em êxodo dentro de mim. De fato, o caminho para participar daquela dor e daquele sofrimento, daquela dificuldade e injustiça, daquela esperança e espera, é o de procurar em mim os passos necessários para sair do meu óbvio, daquilo que é velho, do egoísmo, a fim de receber, com o outro, a vida nova do Cristo ressuscitado.

De fato, o envio nos ambientes mais diferentes, vivendo uma presença secular, no estilo do fermento, antes de pedir-me “o que fazer”, pede-me para tomar consciência do mistério do pecado do mundo, que também é dentro de mim, de todos nós e que se manifesta em suas “resistências”: em tudo aquilo que o pecado condiciona em minha própria história pessoal e de seguimento, nas relações e no pluralismo das mentalidades e das culturas diferentes, nos sistemas do mundo e nas estruturas.

É necessário pedir a cada dia o dom da vigilância, para poder entrar nas diferentes realidades sempre um pouco *como estrangeira*; isto é, como quem não faz seus os critérios do mundo, mas procura em todo e qualquer lugar a presença do Senhor, o crucificado ressuscitado, Aquele que vem sempre como Amor, que se faz próximo de todos e especialmente de cada pessoa marginalizada.

A acolhida, a universalidade, a fé, a esperança são dimensões que caminham juntamente com a certeza que o migrante, com sua diversidade, tem uma missão a cumprir e que sua condição traz em si as potencialidades para transformar o ambiente, o

mundo. Para que tudo isso possa produzir seu fruto é necessário fazer muito espaço. Em primeiro lugar, é necessário receber continuamente o dom da comunhão, a fim de podermos caminhar pelas estradas dispersas da migração, de nos deixar sempre de novo unificar por Jesus, o crucificado-ressuscitado, para descobrirmos em nossas relações a presença de Deus e alegrarmos-nos do mistério de Sua vida, isto é, da comunhão trinitária, na qual já estamos em casa.

Pelas estradas da sensibilização

É muito viva nos imigrantes a consciência da dignidade da pessoa, de serem cidadãos do mundo, de fazerem parte de uma única família e, por isso, ter os mesmos direitos e deveres da gente do lugar, da necessidade de participar ativamente na sociedade em que, de uma maneira ou de outra, são inseridos. “Pelos simples fato de ter atravessado a fronteira eu sou estrangeiro – reclamava um jovem – mas eu sou o mesmo de antes. Por que essas barreiras, essas leis que fracionam a humanidade?”

A sensibilização da sociedade é um aspecto fundamental, tanto no tempo de J. B. Scalabrini, quanto mais hoje. Os numerosos contatos com as entidades públicas, as instituições, os grupos de jovens, as escolas, as faculdades, os amigos, tornam-se ocasião para interpretar a realidade dos migrantes e fazer conhecer a face positiva da migração, visto que, muitas vezes, dominam estereótipos propostos pelos meios de comunicação e confirmados pelos julgamentos apressados de quem olha somente os comportamentos exteriores.

Muitos são os caminhos e as veredas para sensibilizar sobre a real situação dos imigrantes. E em qualquer ambiente é possível encontrar pessoas abertas, com uma grande sensibilidade para com o outro e capazes de colocar sinais através de concretas mudanças no comportamento, jogando assim sementes de paz nas relações. Também dessas pessoas falava J. B. Scalabrini quando dizia:

Os servidores de Deus que trabalham sem sabê-lo, inconscientemente, pelo cumprimento de seus desígnios, são numerosos em todos os tempos, mas nas grandes épocas históricas de renovação social existem mais do que se conheça, mais do que se pense: eles são inúmerosⁱⁱ.

A migração nos força a mudar, a nos abrir, pede-nos para abandonar a idéia de integração que quer “fazer ordem” na sociedade, como se fosse o imigrante a trazer desordem e transtorno, ou melhor, como se fosse ele o culpado da desordem que já existe dentro de nós, e diante da qual, irresponsavelmente, queremos fechar os olhos e o coração.

Certamente, é necessária a integração que faz espaço ao diferente, que nos leva a superar cada conservação rígida da cultura, atrás da qual, muitas vezes, escondemos o nosso medo.

Encontrei, e encontro, também imigrantes que depois de haver aberto caminhos com muitos sacrifícios, olham agora para os recém-chegados, os novos últimos, com a pretensão de um merecido direito de precedência! Assim, também, acontece às vezes na família: quando nasce um irmãozinho, podemos experimentar um pouco de mal-estar ao

ver diminuído o nosso espaço! Mas também o mal-estar pode se tornar a oportunidade para um novo envolvimento com quem é menor e, por isso, mais necessitado e pode aproximar as pessoas, fazer crescer a solidariedade.

Cada homem, migrante ou não, quando acolhe com amor o imprevisto, a dor, um mal-estar, tudo aquilo que pode doer, sem percebê-lo faz espaço para uma nova humanidade, na qual a dor pode ser atravessada pela *festa*, a dimensão mais verdadeira da vida cristã, própria do coração de Deus. É muito vivo o sentido da festa no povo latino-americano, para não dizer também do povo africano e – mesmo em diferentes maneiras – de cada povo, já tocado, também sem saber, pela força da vida nova, fruto da morte e ressurreição de Cristo.

“A migração é divina”. Assim iniciou um jovem refugiado congolês ao comunicar seu testemunho para um grupo de jovens no *Centro Internacional para Jovens – J. B. Scalabrini*, em São Paulo, e prosseguiu dizendo:

Somente Deus pode pensar em unir a humanidade de margens tão distantes e inclusive através de seus dramas... Somente Deus pôde me conduzir até aqui ao Brasil em minha fuga, escondido no porão de um navio, enquanto eu era convencido de chegar à Europa...

Conhecemo-lo quando passou a freqüentar o curso de português para refugiados, da mesma forma como outro refugiado, muito jovem, ao nos comunicar com tristeza que lhe fora negado o pedido de refúgio: “Não sei mais a quem pertenço, ninguém me quer, para onde irei? Por que tanta violência?” “Mas – continuava ele - sei que sem sangue não há liberdade, sem dor não há vida nova”.

Na realidade, a migração é um grito para a vida. Os migrantes, com seu sacrifício e dor, com seus dramas e, especialmente, com sua esperança tenaz e fé que não desmorona, ajudam as sociedades a se abrirem para uma nova convivência, que não será sem conflitos, mas é justamente lá, onde as diversidades entram em diálogo, que se coloca em jogo o futuro da humanidade.

Com certeza, a migração abre horizontes impensáveis para a comunhão entre as diversidades, porque, como dizia Angel, um migrante argentino: “é justamente graças à diversidade que acontecem os grandes saltos qualitativos”.

Rita Bonassi

ⁱ G.B. Scalabrini, *L'Italia all'estero*, Torino 1899, in *Scalabrini una voce viva*, Roma, 1987, 417 (ristampa 2005, 413).

ⁱⁱ G.B. Scalabrini, *Discorso al Catholic Club de New York*, 15.10.1901, in *ibid.*, 420 (ristampa 2005, 415).